

“Semblant - Introdução à significância do sujeito, suas razões”

Arlete Campolina: Damos início às conferências do Sr. Jean-Michel Vappereau, psicanalista, matemático e que atualmente desenvolve um trabalho sobre Topologia e Lógica; ele é membro da Escola Sigmund Freud e tem dois livros publicados e sobre questões de Topologia. Vai ficar conosco hoje, amanhã e durante a jornada sobre a *Escritura e a Interpretação*. Então eu espero que o Sr. Vappereau contribua conosco para a gente clarear e formular melhor nossas questões, tanto da clínica quanto da escritura e da interpretação, que é o que estamos trabalhando atualmente aqui no ALEPH.

J-M. Vappereau: Antes de começar, para esses próximos dias vou lhes propor um pequeno exercício, uma pequena reflexão sobre um objeto bem conhecido que é a banda de Moebius. Existem aqueles que conhecem a banda de Moebius porque Lacan falou dela e outros que talvez não a conheçam, em nada. Em ambos os casos, e na minha opinião, parece que nós não refletimos o suficiente sobre todas as consequências que podem ser tiradas desse objeto. Vou lhes propor um exercício, para criar ocasião de melhor descobrir ou apreciar esse objeto.

Para aqueles que conhecem a banda de Moebius, poderíamos resumir a coisa com três desenhos. Os três são iguais, por agora. Só vamos ver diferença quando eles forem coloridos. Para isso, vou pegar três cores. O primeiro desenho é totalmente colorido em azul. No segundo desenho, existe um corte azul, dentro, que faz uma volta dupla — a parte do meio pode ser pintada de azul, a parte periférica é pintada de duas cores: vermelho e verde. O vermelho está nas costas do verde e o verde está no avesso do vermelho. No terceiro desenho, existe um corte simples de uma única volta, com uma maior coloração verde e também uma cor vermelha, num espaço maior. Eis os três desenhos. [Figura 1]¹ Isso é o que nós podemos conhecer da banda de Moebius. Por exemplo, o livro *Étoffe* do que a Arlete estava falando². Vejam que o desenho do meio está na capa e há um capítulo dedicado à banda de Moebius. A questão que é colocada agora, então, a do capítulo 7, é totalmente dedicada à banda de Moebius e é onde a gente encontra esses desenhos que estão no quadro. As diferentes situações de corte e de ausência de corte. A questão que queremos tratar, com isso, é: como podemos encontrar essa estrutura na prática analítica? O exercício que vou lhes propor é ver qual a relação desses três desenhos com esse pequeno exercício que vou chamar pequeno exercício de retórica.

Vou lhes propor um comentário a respeito de um par de opostos como homem e mulher. Simplesmente, pelo gênero, sabendo que homem é masculino e mulher é feminino, posso comparar esse fato por partes, sol e lua. Da mesma maneira, o sol é o astro do dia e a lua, o da noite. Ora, o dia é claro, e a noite, escura. Em francês, fala-se de uma claridade branda e de um escuro bruto. A doçura se associando à mulher e a brutalidade, ao homem. A questão é saber qual a relação disso com a banda de Moebius.

<u>Homem</u>	<u>sol</u>	<u>dia</u>	<u>claro</u>	<u>doce</u>	<u>mulher</u>
mulher	lua	noite	escuro	bruto	homem

Aqui temos uma *declinação* — a isso também chamamos *derivação* — e é assim que fazemos as demonstrações matemáticas. Temos um certo número de princípios para passar de

¹ Sugere-se observar neste, e nos outros exemplos que se seguem, a ordem das cores, substituídas aqui por padrões gráficos. (Nota de Editor)

² VAPPEREAU, J. M. *ÉTOFFE - les surfaces topologiques intrinsèques*, Topologie En Extension. 1988. Uma tradução autorizada, a cargo do membro do ALEPH, está em andamento, com publicação prevista para 1998. (N.E.)

uma etapa a outra e vemos que, quando a gente apresenta essa série, utilizamos várias razões para passar de um par a outro. Parece que poderemos ir, de uma maneira assim, passo a passo, do par homem x mulher para o par mulher x homem. A banda de Moebius é tida por ser um pedaço de papel; nós o dobramos, fazemos uma torção. Aconselho que vocês façam uma com um pedaço de papel. Talvez vocês precisem de muitos. Eu fiz muitas para tentar [ver] como a gente pode escrever isso numa banda de Moebius. Escrevi, desse lado, as iniciais de cada um dos pares, uma barra entre os dois que marca esse traço da [fração]. O problema é saber o que se vai escrever do outro lado. Será que por trás de *homem* você vai escrever *mulher* ou vai escrever *homem*? Por isso, precisamos de vários pedaços de papel, para fazer várias tentativas diferentes. Minha questão é: se você escreve isso num pedaço de papel, como você vai dobrar o papel para fazer uma banda de Moebius? E a qual situação, entre 1, 2 e 3, [Figura 1] desses desenhos, corresponde essa série? A questão está clara, precisa, para todo mundo?

Como escrever isso na banda de Moebius? Existem várias soluções. Porém, existem soluções que não funcionam. Quero que vocês reflitam sobre isso até amanhã. Vocês vão falar sobre isso amanhã e no outro dia também, para falar da escritura e da interpretação. Amanhã vou responder às perguntas. Vou deixar vocês refletirem sobre isso.

Vamos agora começar um certo número de comentários que querem precisar onde se encontra essa topologia, na prática analítica. A prática analítica é uma prática clínica. Mas uma prática que não é esclarecida não vale nada.

Proponho-me a falar hoje, antes de voltar, amanhã, para a banda de Moebius e o plano projetivo, sobre o que entitulei como *semblant*. Pensei que foi dado um título para a minha intervenção: *semblant: introdução à significância do sujeito e suas razões*. Então, o que é esse *semblant*?

O conjunto dessas referências e a intervenção que me proponho fazer durante a jornada é, particularmente, o comentário de um escrito de Lacan, um escrito que se chama *Radiofonie* — e, particularmente, a resposta que o Dr. Lacan dá à pergunta 3¹. Vou falar, agora, sobre o que precede essa passagem importante do texto, que é a passagem que vou comentar na jornada de trabalho. Na edição francesa, na página 70. É só dessa maneira que podemos entender o que ele chama a barreira saussureana. Ele está falando, nesse momento, sobre a interpretação, chamando-a de *corse interpretativo*. Esse *corse interpretativo*, essa barreira de Saussure, tem tudo a ver com o *semblant*. Então, o que é esse *semblant*?

Existe uma referência que se encontra num escrito de Lacan que se chama *Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo*.² Em dado momento, o Dr. Lacan fala da *asserção*. É necessário que tenhamos a noção do que é uma asserção. Confunde-se muito uma asserção com uma afirmação. A asserção é um fato de dizer, fato de dizer algo. Podemos dizer algo que é afirmativo e também algo que é negativo. Posso dizer agora uma asserção: “Não está chovendo”. Uma asserção não é, necessariamente, uma afirmação, ou uma negação. A asserção é o fato de dizer. Lacan comenta isso quando fala da enunciação em oposição ao enunciado e, mais tarde, num escrito muito importante, o *L'Étourdit*,³ onde vai opor *dito a dizer*. O dizer é o fato de dizer, ou seja, é a enunciação, que ele reforça dessa maneira assim, e, depois, existe o que a gente diz, o dito, o que é dito. O *semblant* tem tudo a ver com essa função.

Nos *Écrits*, volume francês, vocês encontrarão esse comentário, na pág. 806, no parágrafo que começa assim: “A submissão do sujeito ao significante...” — ele está falando o que está acontecendo lá no último grafo, e diz que há um círculo, na medida em que a asserção se instaura, em função de que ela não se fecha sobre nada, a não ser sobre sua própria extensão. Dito de outra maneira, em função de um ato onde ela encontraria sua certeza, quer dizer, sem esse ato, ela seria, ela própria, insignificante. Então, com esse comentário, uma asserção tem que necessariamente ser acompanhada de um ato, para não ser insignificante. Mas essa noção de asserção pode realmente passar por insignificante. Existem pessoas que consideram que as palavras

¹ LACAN, J. *Radiofonie*. *Revue SCHIZOPH* n° 2/3, Éditions du Seuil, 1970, p. 55. A primeira versão é de 8/4/70, Seminário 17, O AVESSO DA PSICANÁLISE. (N.E.)

² LACAN, J. *A Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. ESCRITOS, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 1978, p. 275 a 311 (Écrits, Ed. du Seuil). (N.E.)

³ LACAN, J. *L'Étourdit*. *Revue Schizop* n° 4, Éditions du Seuil, Paris, 1973, p.5 a 32. (N.E.)

não têm importância, e as palavras que a gente pronuncia são a mesma coisa que um blá-blá-blá. É possível que se considerem as coisas assim. Mesmo que possa parecer bobagem para outros, o fato de que as palavras possam parecer insignificantes justifica que nós chamemos essa função de *semblant*. Ou seja, existe algo que parece ser da ordem da facticidade. Podemos, muito bem, reduzir as palavras ditas a alguma coisa de insignificante. Não é o caso da Psicanálise.

A Psicanálise, ao contrário, considera que o fato de dizer algo tem uma dimensão significativa. É significativo, portanto — não é? —, a noção de asserção, o fato de dizer.

Na escola de Oxford, um lógico chamado Austin¹ se interessava pelas questões da enunciação, falou de certos atos de linguagem — a escola de Oxford, dos ingleses, realmente forçou essa noção de *ato de linguagem*. Porque Lacan, na citação que foi lida há um instante, distingue entre a asserção e o ato. Mas, quando fala do fato de dizer, ele caminha na direção de que o fato de dizer se torna um ato. Porém, quanto mais o considera como um ato, mais ele será significativo, e depois será considerado como independente de um ato; se ele não for acompanhado de ato, ele será considerado como insignificante. A questão é a seguinte: por que a escola de Oxford e o filósofo Austin, que não é Freud, que não inventaram a Psicanálise e, menos ainda, podemos dizer que descobriram o inconsciente, no entanto, eles avançam sobre o mesmo território que nós avançamos? É essa a questão que vou buscar esclarecer. Nós podemos pegar muitas das razões de que eles falam e por nossa própria conta utilizar isso. Mas existe algo que se encontra em Freud, alguma coisa que foi retomada por Lacan, algo que vai levar a uma prática clínica, mas que não é somente uma prática clínica. Existem razões que ninguém mais enunciou, somente Freud e a Psicanálise. É isso que se procura mostrar através da questão do *semblant*.

Para dar a vocês a idéia da importância dos atos de linguagem, para dar idéia da relação que pode existir entre a linguagem e a coisa, é preciso recorrer à topologia. Quer dizer que considero a topologia, com Lacan, como sendo uma reflexão das relações que existem entre o *topos*, quer dizer, o lugar, e o *logos*, a linguagem. Então, a relação com a qual nos ocupamos é a relação entre a linguagem e os objetos que se encontram num lugar entre a linguagem e o corpo. Nesse lugar, Freud construiu a noção de pulsão. É como o corpo faz a sua contribuição na linguagem — existe uma ligação entre corpo e linguagem. Esses são problemas topológicos.

O matemático chama a topologia de *um discurso sobre o lugar* e, quanto ao papel dela, ele prefere puxar a topologia em direção à questão da verdade — não é um problema técnico, é um problema lógico. Se definirmos classicamente a verdade, a adequação do concreto com a coisa, então essa adequação é entre a linguagem e as coisas. Logo, a verdade é um problema topológico. Quero lhes mostrar como, no que diz respeito à verdade, e justamente com essa noção de asserção, acontece algo de topológico. O que me pareceu mais simples para fazer essa precisão, com vocês, foi aproximar o que disse o lógico Tarski sobre a verdade. Tarski², nos anos 30 e 40, pensa na teoria da verdade — ele chama de *concepção semântica da verdade*...

Ele aproxima isso ao que diz o pequeno Hans: [...]. Existe uma importante nota no pé de página da edição francesa, na pág. 95, dos casos de Freud, na qual ele aproxima a atitude do pequeno Hans à atitude dos filósofos da escola de Wundt³. Ele está falando, então, sobre a observação de Hans do fato de que o menino, enquanto vê sua irmãzinha de poucas semanas, diz: "Ela tem um pipi, mas ele ainda é muito pequeno e ainda vai crescer e ficar grande." Em seguida, Freud diz que o menino não é bobo — e isso é um comentário datado. Quer dizer, na época, Freud poderia dizer que esse menino era um imbecil porque a menina não tinha nenhum pipi e, no

¹ AUSTIN, John Langshaw (1911-1960). Professor de filosofia. Iniciou a Escola de Oxford de Filosofia Analítica. A partir de uma reflexão sobre a verdade, num artigo intitulado "A Verdade", ele provocou o interesse dos filósofos ingleses para os verbos performativos, que revelam o que há dos atos de linguagem. Sua obra, *QUANDO DIZER É ESTAR FAZENDO*, designa os fatos de subjetividade na linguagem, no emprego dos pronomes possessivos e da *análise*, além dos estudos consagrados à sintaxe (Carnap) e à semântica (Tarski), em lógica e lingüística. (Nota do Autor)

² TARSKI, Alfred (1901-). Matemático e lógico. Foi o primeiro a formular, enfim, a assimilação, logo em seguida colocada pelo pensamento que marca Freud como aquele que provoca a recusa da possibilidade de falar do inconsciente. (NA)

³ WUNDT, W. (1832-1920). Professor de filosofia, psicólogo. Ele sustentou, contra Freud, a assimilação entre psiquismo e consciência. Entretanto não chegou a formular em que consiste a assimilação. Freud o cita no início de TOTEM e TABU, atribuindo-lhe a pretensão de fazer uma teoria definitiva. (NA)

entanto, o menino estava dizendo que ela tinha um. Vocês vêem aí o esboço do que, em *Psicanálise*, é chamado de pulsão imaginária do falo. Os meninos e as meninas dizem que a menina tem um falo, um pênis, que sua mãe tem um pênis. Então, Freud disse, naquela época: "Essas crianças não são burras; estamos tão acostumados com a função fálica que esquecemos disso, e isso está errado porque sempre devemos voltar aos elementos de base." Então, como vocês explicam essa função imaginária do falo nas crianças?

Freud, nessa nota, procura justificar dizendo que esse menino não é débil. Mas, em geral, depois de Freud, temos tendência a dizer que as crianças, em certo momento da sua educação, da sua evolução — é o que se chama depois de Freud de "fase fálica" — dizem, e aí é que está o erro, nós fazemos com que eles digam: "Todas as pessoas têm um falo, um pênis". As crianças não dizem isso. As crianças dizem como o pequeno Hans: "Minha irmãzinha tem um pipi". Ele entende isso justamente da seguinte maneira: "Se minha irmãzinha é um ser vivo que é a minha irmãzinha, que é um ser humano, e ela tem um nome, ela se chama Ana. Então, nessas condições, ela tem um pipi, se, e somente se, ela for um ser humano". E isso não quer dizer que todos os seres humanos tenham um pipi. A criança não diz "Para todo x , ϕ de x "; a criança não diz isso. ϕ de x é ter um pipi. [Então, ϕ de x é x se tem um pipi.] A criança não diz isso. Ele diz "Minha irmã Ana tem um pipi se, e somente se, Ana for menino". Poderia se dizer, melhor que isso, ela é a minha irmã. Não vou colocar aspas porque é um nome próprio, vou tirar as aspas dali. Por que escrevi isso dessa maneira? Porque Freud fez o seguinte comentário: "Os filósofos da escola de Wundt se opõem a mim quando falo sobre o inconsciente; eles me dizem que não pode existir o inconsciente, porque o psiquismo é igual ao consciente e, como o psiquismo é igual ao consciente, não pode haver inconsciente".

Freud, em vários momentos de sua obra, se revolta contra isso. Por exemplo, em 1915, em *Metapsicologia*, e ainda no final de sua obra, no *Esboço da Psicanálise*, numa nota que ele tinha deixado de lado, mas que os editores recolocaram no texto — e é uma das maneiras que ele tem de apresentar o inconsciente, e é o que os filósofos e os médicos não entendem —, Freud diz: "Eles me dizem sempre que o psiquismo é consciente, e que, portanto, não existe inconsciente, é a mesma maneira com que o pequeno Hans diz 'Não pode não existir um pipi'". Ou seja, o que os filósofos dizem é: "Se algo é psíquico, então essa coisa psíquica é necessariamente consciente". [Dizem: "psíquico se, e somente se — então o psiquismo é consciente".]

Vejamos então estas frases. Começa a aparecer uma estrutura aí. Atribui-se um pipi a Ana, da qual essa parte da frase fala. Atribui-se a qualidade de consciente ao psiquismo, e o psíquico está sobre o que a gente está falando; sobre o quê, então, Freud tem razão em aproximar a atitude do pequeno Hans à atitude dos filósofos da escola de Wundt. Mas agora, então, o que diz Tarski sobre a verdade? Tarski diz que não se pode saber muito bem o que é a verdade. Na língua, é difícil saber todas as ocasiões em que se diz: "Isso é verdadeiro". Mas, depois de ter refletido longamente, eu vos digo que podemos estudar o emprego desse predicado. Em lógica filosófica, *predicado e conceito* são coisas semelhantes. O que quer dizer predicado? Ele fala de predicado na verdade. O predicado de verdade quer dizer " x é verdadeiro". Tarski cria uma condição de emprego desse predicado. Ele formula essa condição nesse lugar aqui. Ele chama isso de *a condição da estrutura 1*. Ele diz: "A neve é branca". É uma frase entre aspas. Essa frase é verdadeira e isso é o predicado de verdade se, e somente se, a neve é branca. Vocês vêem que tem a mesma estrutura das frases precedentes.

"Ana tem um pipi \longleftrightarrow ela é minha irmã"

"Psiquismo é consciente \longleftrightarrow é psiquismo"

T: "A neve é branca" é verdadeira \longleftrightarrow a neve é branca

Quer dizer que, então, a "A neve é branca" — vamos acrescentar "é verdadeiro". Acrescentamos esse "é verdadeiro", como acrescentamos "é consciente" ao psiquismo, como acrescentamos "tem um pipi" a Ana. Então, a neve é branca é verdadeiro se, e somente se, essa frase em questão "A neve é branca", [...] a própria frase como nos outros também — um filósofo como Austin, do qual falei, conhece isso. Então, não é ainda com isso que vamos inventar a

Psicanálise. A única coisa que podemos saber no momento é que, se Tarski está certo em dizer que a neve é branca, é verdadeiro se, e somente se, a neve for branca. Os filósofos não estão errados ao falar que Freud não pode falar de inconsciente, porque é a mesma estrutura que no psiquismo é consciente se, e somente se, é psiquismo. Existe uma estrutura aí que justifica porque os filósofos não aceitam o inconsciente, e que justifica então que as crianças digam que suas irmãs tinham um pipi, quando não o têm. Temos a impressão de estarmos numa espécie de vaga confusão.

Freud chama a esse tipo de frase — “o psiquismo é consciente, se, e somente se, psiquismo” — uma assimilação. Ela é uma assimilação de consciente a psiquismo. Mas ele assimila o psiquismo ao inconsciente, e essa assimilação é assimilada ao psiquismo puro. É uma assimilação colocada de cara, e nunca expressa. Conheço um professor francês de filosofia, contemporâneo, que estuda filosofia anglo-americana, e que reconheceu nesse tipo de enunciado o que Freud chama de assimilação. Ele reconheceu o julgamento sintético, o juízo sintético. E quando Freud fala que essas assimilações são colocadas de cara, de início, esse professor de filosofia reconhece que aí são os juízos *a priori*, julgamentos apriorísticos. E aí temos a estrutura que designa as assimilações colocadas de cara, os juízos sintéticos apriorísticos dos quais fala Kant. E, como diz Freud, esses julgamentos apriorísticos sintéticos nunca são expressos. Se vocês olharem em Kant quais são os julgamentos sintéticos apriorísticos, que ele dá exemplo, ele não fala disso aqui. Isso quer dizer que a filosofia transcendental, que trata dos juízos sintéticos apriorísticos, de Kant, não vai ser Psicanálise. Porque Kant está aquém desse nosso problema. Ele se interessa pelo tipo de juízo como $7+5=12$. Mas, ainda aí, na filosofia inglesa de Oxford, como na filosofia kantiana, como em Husserl, vocês vêem que existe um terreno, em que nós estamos entrando pouco a pouco, que é o mesmo terreno. Ora, todas essas pessoas, a não ser Freud, não descobriram o inconsciente. E, por conseguinte, eles também não inventaram uma prática como a analítica.

O problema que encontramos com a função fática — vocês vêem como é importante essa função na produção do fetiche, mas essa condição que determina a estrutura do fetiche não é própria do fetichismo da perversão —, esse problema, que é também o problema da verdade, no sentido de Tarski, também vai nos permitir definir *recalque* e *neurose*. Vou deixar a filosofia de lado, mas é que eu queria mostrar a vocês esse terreno comum que existe entre filosofia e Psicanálise, no início, especialmente a filosofia moderna, a filosofia contemporânea — Kant, Husserl, Austin, Oxford. A questão é muito debatida no Ocidente, vocês podem saber isso, mesmo que não gostem muito de filosofia. Isso mostra a importância da Psicanálise na cultura. Ela traz algo inteiramente novo, original e inédito, referente a esse território que podemos chamar de terreno da verdade. Vou acrescentar ainda, para mostrar a qualidade desse problema, uma quarta frase que, por exemplo, um lógico como Karl Popper¹ diz que ele mesmo utiliza para fazer compreender melhor o problema.

Ele diz: “peguem a fórmula de Tarski, no caso de uma frase que pareça falsa, que a vocês pareça falsa. Olhem aí onde está o *semblant*, que parece falso. Como “A neve é branca” pode parecer verdadeira. É importante que essa frase que ele vai falar agora pareça falsa. Não que ela pareça falsa, mas que ela seja, de fato, falsa. E, portanto, eu poderia escrever a seguinte coisa: “A neve é verde”. A neve é verde é verdadeiro se, e somente se, a neve for verde. Isso é realmente interessante. Vocês vêem: seja a neve dita branca ou verde, qualquer que seja a frase, verdadeira ou falsa, pode se escrever esse tipo de enunciado. E é isso que quer dizer o pequeno Hans. Então, o professor de lógica está no mesmo registro que a criança diante da função fática. Quer dizer que, então, como dizia Freud, não é um sinal de debilidade na criança, e nem um sinal

¹ POPPER, Karl. Membro do círculo de Viena, escola neopositivista que produziu um manifesto promulgando esta concepção tão reducionista da ciência. Ele se consagrou à pertinência das teorias científicas, rejeitando o caráter indutivo em proveito de um critério de demarcação no registro exclusivo da lógica dedutiva clássica — “a lógica da pesquisa científica”. Propõe como critério que não sejam chamadas científicas aquelas as hipóteses que sejam refutáveis. Assim, uma doutrina que é irrefutável é, ou metafísica, ou ideológica. Mas, a generalização deste critério de regulação pela competição entre as teorias, no domínio das coisas públicas, que estão no domínio do pensamento político, é de uma debilidade afligente, o que não impede seu imenso sucesso — o propósito, veja-se, seu livro, *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*. Ele desconhece, radicalmente, a existência da razão como passível de se impor por outras vias, como as matemáticas que roçam o real, e mais ainda, a noção mesma de desejo no sentido freudiano. (NA)

de infantilidade num professor de lógica. Trata-se de um problema absolutamente magnífico. E que é extremamente elementar porque as crianças se apercebem dele e, por outro lado, é suficientemente forte para que os lógicos falem disso também. Mereceria que fizéssemos esse processamento, passo a passo.

Tenho um artigo, numa revista, que retoma tudo o que acabei de dizer. Se vocês quiserem, eu posso fornecer uma cópia da versão francesa desse artigo; acredito que não esteja traduzido. O artigo se chama "O amor do todo", e foi publicado na revista *Césure*, em 1993¹. Esse artigo é a primeira parte de um outro artigo mais importante. Então, vamos tentar entrar nessa segunda parte, que é onde trato de topologia.

Essa foi, então, uma entrada com o Hans num campo onde é preciso apreciar essas dificuldades. Duas coisas têm que ser ditas. Essa estrutura define o quê? Vocês verão o Dr. Lacan dizendo no Seminário *MAIS, AINDA*²: "existe sempre uma abordagem imperativa do significante". O que quer dizer isso, "uma abordagem imperativa do significante"? O significante é esse *semblant*. É o fato de uma asserção, de dizer algo — e pode parecer, se não for ligado a um ato, insignificante — e isso vai parecer significativo, quando for imperativo, quando o que for dito, no fato de fazer uma asserção de algo, no fato de dizer algo, isso passe por verdadeiro, como mostra esse enunciado. Ele dá a razão, uma razão que podemos calcular. O enunciado simples "A neve é branca", para os entendidos, é logicamente equivalente se, e somente se, há um sinal de equivalência lógica. Com o enunciado simples existe o sinal de igualdade; com o outro enunciado, "A neve é branca", é verdadeiro. Porque é uma mentira. Uma mentira não é o fato de alguém dizer algo falso, não é só o fato de que o que ele disse é falso. Você pode simplesmente dizer uma coisa falsa se você avisar a todo mundo que o que você vai dizer é falso — não vão te acusar de dizer uma mentira. É porque você diz algo de falso que você diz uma mentira. Porque por causa dessa estrutura, podemos esperar que você diga e eu diga, ou quando alguém fala, esperamos que diga: "Isso é verdadeiro". E pode dizer algo de falso e todo mundo perceber logo de cara. Então, a gente vai dizer: "Bom, ele disse algo falso". É por isso que essa função é uma função do *semblant*. Ela pode ser inteiramente controvérsada, mas isso não a impede que funcione na prática corrente da fala e da linguagem. E existe também um jogo entre palavra falada e escritura. A escritura também vai ter um papel nessa estrutura. Essa função, *semblant*, o fato de "é verdadeiro" se ele está ali, não vale a pena dizer isso. Mas se ele não está ali, é equivalente ao fato de que ele esteja ali. É a mesma coisa que diz o menino em relação ao pipi; ele não diz "Todo mundo tem um pipi". Ele diz: "Existem coisas assim, e pode ser mesmo uma outra coisa que não um pipi". Nós sabemos que é por motivos narcísicos que é o pipi. Vamos acrescentar, vamos comentar o narcisismo, depois. Mas podem ser várias outras coisas. A humanidade não esperou Freud para inventar práticas como campos onde se colocam pedras levantadas em pé. O que é muito enigmático. Então pode-se perguntar: será que havia um ritual aí? O que faziam essas pessoas que colocavam pedras em fila, no campo? Nós estamos sempre procurando um sentido e, no entanto, eles exprimem, eles manifestam a existência da função fática para eles. Alguns filósofos da filosofia anglo-americana se preocupam com isso, apesar de Wittgenstein, e não conseguem encontrar a resposta. Nós temos a resposta na Psicanálise, com Freud — mas precisamos apreciá-lo bem, para ter seu justo valor. A Topologia é o desenvolvimento dessa resposta, assim como os sintomas, na clínica, são o desenvolvimento dessa resposta — eu digo os sintomas, o sintoma analítico. Acredito ser um compromisso, uma tentativa mais ou menos bem sucedida, mais ou menos fracassada; o sintoma é uma tentativa de uma resposta sobre essa estrutura. Sempre existe uma característica de *semblant* no sintoma analítico. E foi por aí que Freud descobriu a Psicanálise. Nós temos tendência a eliminar, a não levar em conta esse problema.

Existem doenças orgânicas verdadeiras. Quer dizer, existem pessoas com sintomas ligados a localizações orgânicas. Então, alguma coisa é totalmente verdadeira, orgânica. E existem, por outro lado, doenças imaginárias, simuladas. No momento da guerra, Freud se envolveu num processo. Foi testemunhar, por um colega médico, porque simuladores não queriam ir à guerra.

1. VAPPÉREAU, J. M. *L'Amour Du Tout Aujourd'hui* in *CÉSURE - Revue de la convention psychanalytique*, n° 3, 1993. Este artigo já está sendo traduzido e deverá ser publicado na próxima revista do ALBPH.

2. LACAN, J. O Seminário. Livro 20, *MAIS AINDA*; Zahar Ed., RJ 1982 [Seuil, Paris, 1975].

Então, eles queriam descobrir quem eram os simuladores. Podemos muito bem imaginar que existem doenças simuladas. Entre as coisas verdadeiras e as coisas falsas, existe algo chamado *a verdade*. A verdade é muito mais complicada que as coisas verdadeiras e as coisas falsas. O sintoma analítico é uma tentativa de dizer essa verdade. É um sujeito como o pequeno Hans é conduzido por essa estrutura da verdade. Mesmo que haja quem não se interesse pela filosofia, pela Psicanálise, nem pela Lógica, isso não impede que a verdade exista.

O sintoma histérico, para a psicanálise, não é um sintoma verdadeiro no sentido orgânico em que a medicina pode encontrá-lo. Mas, também, por outro lado, não é um sintoma falso, uma simulação. Hoje em dia, temos a tendência de confundir simulação com *histerização*, tanto no bom quanto no mau sentido. Quando alguém tem dor de cabeça, dizemos: "Ele tem uma verdade". Existem pessoas que podem simular, existem sintomas falsos. Quero dar toda essa dimensão de verdade ao sintoma analítico, porque ele é verdadeiro. A psicanálise se interessa por esse campo onde as coisas não são verdadeiras e também não são falsas. Na França, diriam que é uma resposta de normando: pode ser que sim, pode ser que não. O freudismo não é um compromisso, é uma posição assertiva diante de um problema em que é preciso ter sucesso, bem dizer. E que o sintoma procura bem escrever, mas ele fracassa nesse bem escrever, ele não consegue escrever.

Já na Lógica, podemos, e com a Topologia, dirigir-nos em direção à noção de que isso pode ser escrito, para bem dizer a estrutura em questão. Podemos dizer que o sintoma analítico, ou mesmo o inconsciente em suas relações com o consciente — Freud diz isso várias vezes e Lacan o retoma —, o inconsciente não é o contrário do consciente, é uma forma de negação totalmente original. É uma forma de dizer que existem dados psíquicos que podem ser escritos. Se é falso que seja consciente e, às vezes, ele vai considerar o *e* como um *e* lógico, é falso que ele seja não-consciente.

"F que sejam conscientes e é F que sejam não-conscientes"
($\neg cs \wedge \neg ncs$)

O inconsciente de Freud, podemos defini-lo como tendo uma certa negação do consciente, que podemos definir assim como o não-consciente. É como eu leio: é falso que seja consciente e é falso que seja não-consciente. E utiliza-se aqui, novamente, uma outra negação. Eis aqui, então, o problema é, lá em cima, a solução. É esse caminho que quero fazer com vocês para ver como se apresenta essa solução em direção à qual o sintoma tende a escrever e a dizer uma lógica que nenhum lógico conseguiu mostrar. Freud o descobriu na prática e o revelou, demonstrou em pedaços, em artigos como aquele sobre a negação. Eu lhes proponho retomar, em seguida, como no artigo sobre o sentido antitético das palavras primitivas. Existem outros lugares, outras indicações, em Freud, que falam dessa solução. Por exemplo, o *Distúrbio de Memória na Acrópole*¹. Freud vai dizer: "Eu não sabia que a Acrópole existia". Tanto faz ele dizer: "Eu sabia que a Acrópole existia". Quando ele se dá conta de que o discurso é memória, diz: "É falso que eu não sabia que a acrópole existia" e, da mesma forma, "É falso que não; é falso que eu sabia".

(\neg que eu sabia \wedge \neg que eu não sabia)

Tome a presença dos sintomas dos mutilados de guerra, na edição de *Sintoma e Angústia*², quando Freud fala de um sintoma de um militar cuja perna foi amputada.

Os psicanalistas, hoje em dia, dizem que os neuróticos gozam de seu sintoma. Tudo isso que se fala sobre o gozo, dizem que veio de Lacan. Existe um discurso sobre o gozo no estilo de Lacan, mas fizeram disso uma onda ideológica. Todas essas falas sobre o gozo, a torto e a direito, querem nos provar que Lacan não deu um passo a mais no que diz respeito à reação terapêutica negativa. Porque Freud, na reação terapêutica negativa, diz que, se o analisando vem à sua sessão,

¹ FREUD, S. Un transtorno de la memoria en la Acrópolis (1926) [Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis]. Sigmund Freud OBRAS COMPLETAS, tomo III, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 1128. (N.E.)

² FREUD, S. INHIBICION, SINTOMA Y ANGUSTIA (1925) [Hemmung, Symptom und Angst]. Sigmund Freud OBRAS COMPLETAS, tomo III, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, p. 2833 (N.E.)

mas não há transferência, não acontece mais nada; isso pode durar meses, anos. E ele se impõe uma punição, ele se pune ao vir à sessão e isso é um sentimento de culpabilidade inconsciente. Vocês conhecem isso, é da época de *O Ego e o Id*. Ferenczi propôs a Freud uma solução: "Dê a eles um exemplo, diga que você continua fazendo sua análise, você continua trabalhando". Então, Freud diz: "Não é o papel do analista ser o exemplo". Freud tem a noção de diferença do *ideal* e do *semblant*. Ele sabe que existe uma estrutura verídica e que o papel do analista não é ser um exemplo. A gente não pode dizer, como se diz hoje em dia, que as análises não terminam porque os analisandos gozam de seu sintoma. Não se pode dizer que a conformidade é o gozo e o prazer e o anti-prazer. Não sei como vocês escutam esse discurso que vem da Europa até vocês. Eu sei que ele chega aqui, porque o vejo voltar para a Europa. E, lá, escuto-o o tempo todo. E nas revistas de Psicanálise, nos colóquios, a gente entope os ouvidos disso. Tudo isso em função dessa lógica. Quer dizer, por falta dessa lógica aqui não consegue se situar, por exemplo, o superego.

O que Freud diz sobre o mutilado de guerra, fala do fato de ter ele amputado a perna e depois ele chama isso de benefício secundário. Ele diz assim: "É falso que ele não tira alguns benefícios da sua doença". Ele diz em alemão: "É falso que não". Ele não diz com a mesma brutalidade que se diz, hoje em dia, a bobagem. Ele não diz de uma maneira positiva, brutal, grosso: "Bom, é uma satisfação ter sua perna amputada". É preciso ser completamente irrealista para dizer uma coisa dessa, enquanto que o freudismo é o realismo. Falar da verdade como ficção, falar de *semblant*, isso é o realismo. E se não é realista, ou positivista, se não é realista para os positivistas, pior para os positivistas — não vou tentar convencê-los. Digo que existe o problema que é a verdade. O freudismo é o único discurso que pega esse problema e o responde. Para bem apreciar este problema, vou mostrar os cálculos que se podem fazer com essas frases. O que dizem essas frases? Quer dizer, se o nome de um enunciado é verdadeiro, é equivalente ao próprio enunciado. O pequeno *a* é o nome do enunciado *s*. Se *s* é verdadeiro, o enunciado cujo nome é *a* é verdadeiro. Dizer que verdadeiro é verdadeiro, isso é verdadeiro e, portanto, é equivalente ao verdadeiro. Se esse enunciado *s* é falso, o enunciado cujo nome é pequeno *a* é falso. Se o falso é verdadeiro, isso é falso e, portanto, é equivalente ao enunciado falso em questão.

(V é verdadeiro) V \longleftrightarrow V

(V é verdadeiro) F \longleftrightarrow F

E, portanto, que o enunciado seja falso ou verdadeiro — isso é o que quer dizer a frase de Tarski — que o enunciado, sendo verdadeiro ou falso, não serve para nada dizer que ele é verdadeiro. Você não acrescenta nada dizendo que ele é verdadeiro, nada a sua verdade. Quando você diz algo, não adianta dizer: "Mas é verdade, é verdade, é verdade". Porque, se você fala bem, o fato de dizer já impõe que seja verdadeiro. É verdade que não é bem assim que as coisas acontecem. É por isso que se chama de *semblant*. Mas, por mais *semblant* que seja, tão mais imperativo será e, entre isso e aquilo, é que se progride na verdade. É muito importante que isso seja visto. Frege já o dizia: "Não serve para nada dizer que algo é verdadeiro. Isso não acrescenta nada à verdade do que foi dito". Isso não quer dizer que o predicado de verdade seja inútil. Frege diz: "Isso é algo transparente". O predicado de verdade é algo que pode estar lá e pode não estar lá. Então, nós temos a ver com o quê, na Psicanálise?

Nós lidamos com elementos sobre os quais não se pode dizer que estejam apagados — eles nunca foram marcados. Eles seriam apagados se tivessem sido marcados e, depois, apagados. São elementos que nunca foram marcados e, no entanto, estão lá. E, ao mesmo tempo, estão ausentes, porque nunca foram marcados. E vemos como isso se opõe à debilidade ou à loucura. É de se querer absolutamente marcar as coisas. Por que o paranoico se preocupa com a homossexualidade? Porque não existe marca da homossexualidade. Portanto, o homossexual é alguém inquietante para o paranoico. Os humanos, no seu narcisismo, na sua tensão uns com os outros... O narcisismo é só isso, vou voltar a ele depois. Mas é verdade que existe essa dimensão de tensão agressiva no narcisismo. Paranoico, o narcisismo é fazer funcionar essa tensão e sobrepujá-

1. FREUD, S. EL "YO" Y EL "ELLO" [*Das Ich und das Es*], tomo III, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1981 p.2701. (N.E.)

la, graças a uma boa escrita dessas coisas aqui. O que não impede que se dê ao narcisismo a forma de xenofobia, de racismo, aos sujeitos débeis, burros. Todos nós somos débeis, mas vemos que o racismo é uma maneira muito débil de tratar essa dificuldade com os outros. A mesma coisa é a diferença entre homens e mulheres, na guerra dos sexos. Estão preocupados em dizer: existem marcas que inscrevem a diferença? O racista diz: "Ah, é tal porque tem um traço orgânico diferente". E, por exemplo, o anti-semitismo, que é o ápice desse procedimento segregativo. A diáspora dos judeus, espalhados pela terra, e o fato de eles poderem integrar-se em países onde estão e, de um fato estrutural, existe um texto, a Bíblia, que representa essa função ausente e presente. Os anti-semitas, por exemplo, que ficam a toda hora suspeitando, "será que aquela pessoa é judia, será que não é?", fingem que sabem qual é o traço para reconhecê-los, ou seja, o traço orgânico. Dai eles passam esse anti-semitismo para o lado do racismo; ou, então, eles vão achar razões, como o nome da pessoa, o nome próprio.

A questão do nome é muito ligada a essa questão do *semblant*. A questão do nome é ligada à enunciação. Vocês vão ver esse problema da marca. Vocês têm os marcadores, na química, coloridos. No mundo da ciência, preferimos as coisas marcadas de uma maneira positiva. Nos papéis administrativos, pede-se para se colocar o seu sexo: *f* ou *m*. Scriu preciso escrever isso simplesmente. Vamos ficar pensando na Psicanálise, sabendo que isso é muito mais problemático. Vocês vão ver, no *Seminário*, o Dr. Lacan contar a história de um motorista de táxi, que ele encontrou e que não sabia se era homem ou mulher. Lacan, então, muito decididamente, perguntou: "Você é homem ou mulher?" Ao que o motorista de táxi respondeu que ele também não sabia se ele era homem ou se era mulher. Há na existência, lugares onde a determinação de presença, de ausência de um traço é muito difícil. Ai é preciso perceber que o que Lacan chama de traço unário é um traço que está presente e ausente. Se ele está somente presente, então não é o traço unário. Se ele está ausente, então não existe traço nenhum, não é o traço unário. O traço é unário somente se ele estiver presente e ausente. É por isso que, em Psicanálise, estamos sempre reservados. Demora muito para a gente se pronunciar sobre o traço. Sempre nos interessamos por esse tipo de situação que não tem somente o equívoco. O equívoco é uma aproximação. Mas esse traço nos interessa porque é material. E vocês vão ver Lacan dizer que a interpretação analítica não tem interesse no seu equívoco, senão na medida em que houver homofonia, mas também equívoco na gramática, e equívoco na lógica. A gramática é o lugar em que se estuda a presença de traços. Na gramática, vêem-se, por exemplo, os *shifters*. Nós vemos a presença de um *s* ou a ausência de um *s* para o plural, para o singular. No nosso estudo da língua, o que nos interessa é algo sobre a retórica. E é assim que vou fazer a continuação desse nosso curso, falando de retórica, enquanto que as figuras de retórica nos preocupam, assim como sintomas analíticos, porque eles têm a mesma qualidade desse predicado de verdade. Isso pode estar lá como pode não estar lá, pode estar lá sem estar lá, pode não estar lá e ao mesmo tempo estar.

Segunda conferência - 21/11/95 (noite)

"A Negação - Dimensão clínica da topologia"

Quero de início perguntar se alguém tem alguma questão a colocar sobre a primeira parte?...

Pergunta: Gostaria de entender por que é que na escrita formal que ele [Lacan] faz das relações do inconsciente/consciente, o Sr. usa duas negações, e uma não é exatamente uma negação formal. Por que fazer assim, que tipo de especificidade se introduz na relação da negação com o inconsciente? Na escrita formal que ele fez entre inconsciente/consciente o Sr. escreve para dizer "não, não é consciente", duas negações; uma formal e, para a outra, o Sr. dá uma escrita diferente. Que tipo de especificidade isso introduz?

R: Eu não sei por que você diz que uma é formal e a outra não, porque uma é tão formal quanto a outra. Mas uma funciona classicamente — aquela que você está considerando como formal, não é, é a negação clássica e, por outro lado, você tem razão: deve-se definir formalmente